



O percurso da semiótica na USP

Uma homenagem a Beth Brait, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit e Norma Discini

HOMENAGEM A NORMA DISCINI, POR MARIANA LUZ PESSOA DE BARROS

Eu quero começar agradecendo muito pelo convite feito pelo Departamento de Linguística da USP para fazer parte desta homenagem a esses cinco professores – José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Norma Discini, Luiz Tatit, Beth Brait –, fundamentais para o desenvolvimento da semiótica no Brasil. Este encontro é também uma reafirmação de que, apesar dos tempos sombrios em que vivemos hoje no Brasil e dos percalços que a universidade, a pesquisa – a boa pesquisa –, a educação pública enfrentam em nosso país, ainda vale a pena. Ainda vale a pena fazer pesquisa séria e de qualidade, formar alunos numa perspectiva humanista, trabalhar incansavelmente pelo bem comum. Na verdade, mais do que nunca precisamos de eventos como este, eventos que são atos de resistência, aprendida com cada um desses professores homenageados.

É realmente um privilégio estar aqui para falar sobre a professora Norma Discini. Um privilégio e uma enorme responsabilidade. Sinto que, de algum modo, represento cada um de seus orientandos, cada um de seus alunos, cada um de seus leitores, cada um dos alunos de seus leitores, que se beneficiaram da criatividade, do rigor científico, do afeto da professora Norma. É bom lembrar que Norma Discini atuou por quase 20 anos como professora da escola básica, vem atuando há mais de 20 anos como professora, pesquisadora e orientadora do ensino superior, publicou diversas coleções de livros didáticos, adotadas em todo o Brasil, e artigos, livros, capítulos de livros por meio dos quais vem divulgando sua pesquisa. É uma formadora que atinge todos os níveis da educação.

A professora Norma foi minha orientadora de doutorado e minha supervisora de pós-doutorado, isso significa que foram, ao menos, 7 anos de convivência e de diálogos intensos e entusiasmados, que me formaram e ainda me formam como professora e pesquisadora. A Norma também fez parte de minha qualificação e banca de mestrado e foi professora da primeira disciplina que fiz na pós-graduação.

O curso acontecia numa sala enorme e lotada. Com certeza, éramos mais de 50 alunos. Assistíamos às aulas hipnotizados pela professora, que se movimentava muito pela sala, gesticulava muito e falava de forma apaixonada, transformando forma e substância, percurso gerativo do sentido, actantes e atores do enunciado e da enunciação em poesia. E tudo isso sem perder a consistência, o rigor, cobrados também dos alunos: entregávamos semanalmente um relatório, que consistia em uma pequena resenha dos textos indicados para leitura, e em uma análise, por meio da qual exercitávamos os conceitos aprendidos.

Mas não apenas entregávamos relatórios e assistíamos às aulas, éramos convocados a tomar parte das aulas. A professora fazia perguntas dirigidas a alunos específicos. Sim, ela sabia os nomes daquela multidão. Lembro-me de quando um dos alunos foi convidado a ir à frente da sala e nós, observando o plano de conteúdo e de expressão da fala, das roupas, dos gestos, analisamos o estilo e o éthos do pobre rapaz. Os cursos da Norma sempre foram assim: desafiadores, cheios de vida, semiótica feita ali, no encontro que é a aula.

Inspirada pela disciplina, fui ler os livros, os artigos, os capítulos, a vasta publicação da pesquisa sempre em movimento da professora Norma, como deve acontecer mesmo com toda boa pesquisa. Três livros me parecem centrais em meio a essa produção, eles foram e são importantes na minha trajetória acadêmica e profissional, mas sei também que fazem parte da formação e das reflexões de qualquer semioticista no Brasil. São eles: *Intertextualidade e conto maravilhoso* (2001); *O estilo nos textos* (2003) e *Corpo e estilo* (2015). O primeiro é fruto da dissertação de mestrado, que contou com orientação do professor José Luiz Fiorin e foi defendida em 1995, no programa de Pós-Graduação em Linguística da USP. O segundo livro tem origem na tese do doutorado, feita sob orientação também do professor José Luiz Fiorin e defendida em 2001, pelo mesmo programa. O terceiro (*Corpo e estilo*) retoma a tese de livre-docência, apresentada à USP, em 2013.

Em *Intertextualidade e conto maravilhoso* (2001), Discini dialoga com autores interessados na presença e no papel do “outro” nos discursos, como Bakhtin, Jacqueline Authier-Revuz, Maingueneau, e, à luz da teoria semiótica de base greimasiana, recupera as noções de paródia, paráfrase, polêmica e estilização sob um novo prisma. Ao partir da análise de um conto maravilhoso, Chapeuzinho Vermelho, de Perrault, a autora parece manter-se no percurso previsto inicialmente para a semiótica, uma vez que o estudo dos contos maravilhosos faz parte das bases fundadoras da teoria. Entretanto, a autora salta para lugar bem menos previsível. Interessada em depreender os mecanismos produtores de sentido da intertextualidade, propõe análises refinadas e detalhadas de Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque; Chapeuzinho Vermelho e o lobo torturador, de Alberto Berquó; Fita verde no cabelo, de Guimarães Rosa, e Chapeuzinho Vermelho, de Grimm. Para isso, homologa as noções de paródia, paráfrase, polêmica e estilização às relações que instauram o quadrado semiótico (contrariedade, contraditoriedade e complementaridade). Nesse movimento teórico e metodológico, torna tais noções bastante operatórias para o trabalho com a intertextualidade, algo que pode ser levado para além do conto maravilhoso, como vemos nos diversos trabalhos que recuperam as propostas de Discini.

Em *O estilo nos textos* (2003), a autora interessa-se pelo “fato de estilo”. Propõe ali uma estilística discursiva que se opõe abertamente à visão de estilo como criação linguística estritamente individual, como desvio de uma norma ou como expressão de

genialidade. Como afirma a autora na belíssima apresentação do livro: “O estilo não é algo-a-mais, o belo, o raro, o desvio. O estilo é o homem. Sim. O estilo é o homem, se pensarmos na imagem de um sujeito, construída por uma totalidade de textos que se firma em uma unidade de sentido. O estilo é o homem, se pensarmos em um ‘indivíduo’ que, com corpo, voz e caráter, é construção do próprio discurso. O estilo é o homem, se pensarmos na imagem de um sujeito que, depreendida dos textos, supõe saberes, querereres, poderes e deveres ditados por valores e crenças sociais; um eu fundado no diálogo com o outro. O estilo é o homem, se, para homem, for pensado um modo próprio de presença no mundo: o éthos” (Discini, 2003, p. 7).

Estilo e éthos tornam-se, em suas proposições, indissociáveis. Se o estilo é entendido como as recorrências de um modo próprio de dizer da enunciação, reconhecível em cada ponto do enunciado, o estilo cria o éthos. Nessa perspectiva, estilo e éthos podem ser localizados no ponto de entrecruzamento entre as enunciações singulares e as coerções discursivas sociais e históricas que atuam sobre elas.

A importância de *O estilo nos textos* está na maneira inovadora de compreender o estilo, na forma consistente pela qual a autora fundamenta sua visão, nas propostas metodológicas para a depreensão do estilo, nas análises minuciosas de textos de diferentes gêneros (poemas; tirinhas; manchetes; notícias de jornal), análises estas que permitem compreender o alcance da proposta e ainda verificar suas contribuições para o debate acerca de como o sentido se constrói nos textos e nos discursos.

O terceiro livro que mencionei da professora Norma Discini é *Corpo e estilo* (2015). Nele, a autora aprofunda e reelabora reflexões feitas nas obras anteriormente comentadas, ao oferecer ao leitor uma visão mais dinâmica e modular do estilo, visto agora no ato da enunciação. Aproxima-se de autores como Husserl e Merleau-Ponty, no campo da fenomenologia, e de Zilberberg – com sua proposta de uma gramática tensiva –, no campo da semiótica. Essas leituras, tomadas a partir do enfoque singular de Discini, corroboram a visão do estilo como corpo ao mesmo tempo moralizado e sensível.

Como nas outras obras, as reflexões teóricas são operacionalizadas em análises que revelam muito sobre os objetos estudados, confirmando a pertinência das proposições. As análises também contribuem para que o leitor compreenda melhor a teoria e a

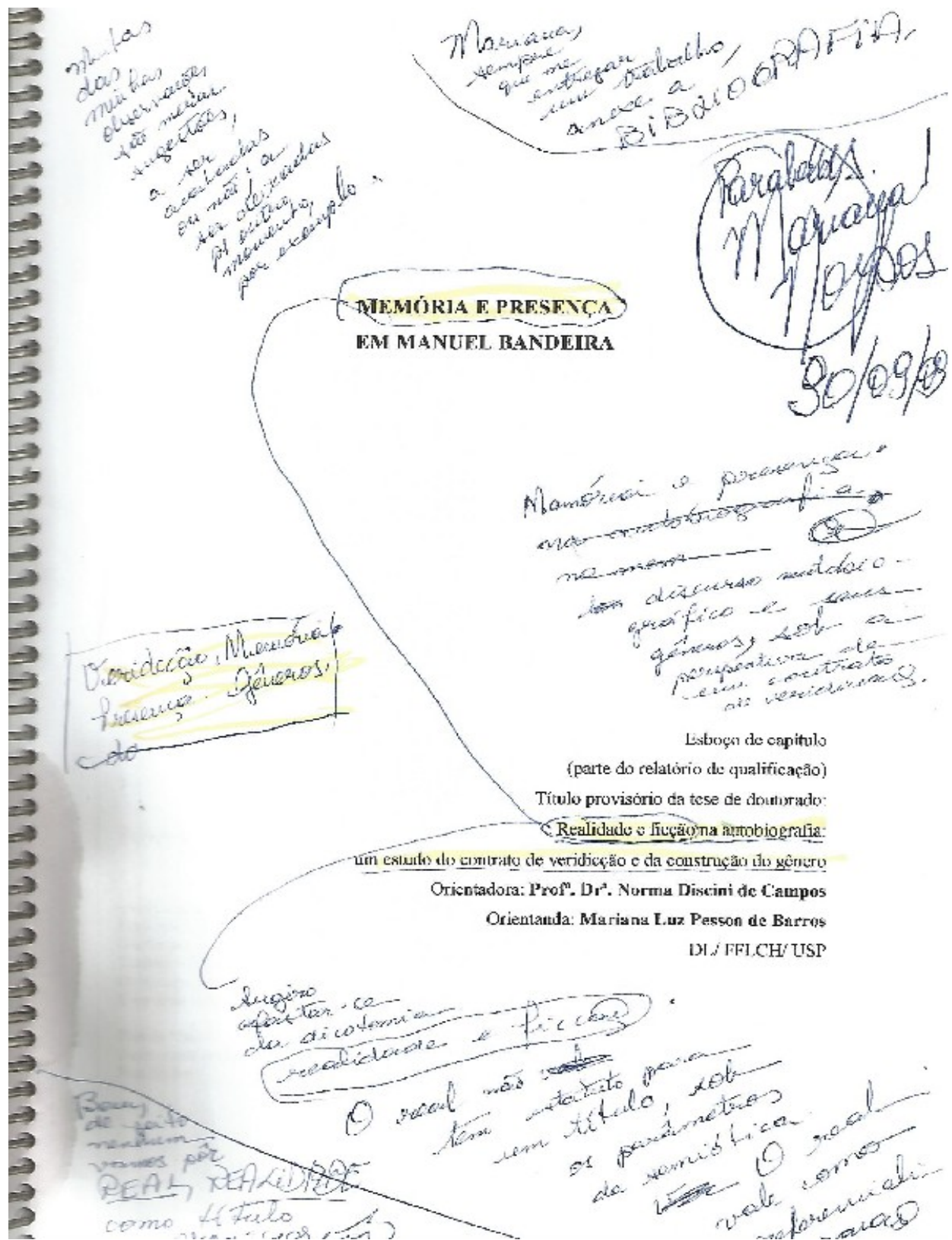
metodologia. Não são análises facilitadas, mas elas mostram a professora-semioticista ou a semioticista-professora que escreve seus textos nesse ir-e-vir entre teoria e prática.

Com certeza, esse apanhado rápido da vasta obra de Discini e de sua busca pelo estilo – pelo ser humano – é insuficiente para compreendermos aqui o alcance e o grau de exigência de suas propostas, o que fica claro é o papel que a semioticista assumiu de referência para os estudos do estilo de forma geral e de referência para os estudos semióticos no Brasil, especialmente se pensarmos numa semiótica que coloque a enunciação no centro de suas preocupações. Como afirma Luiz Tatit em prefácio à obra *Corpo e estilo*:

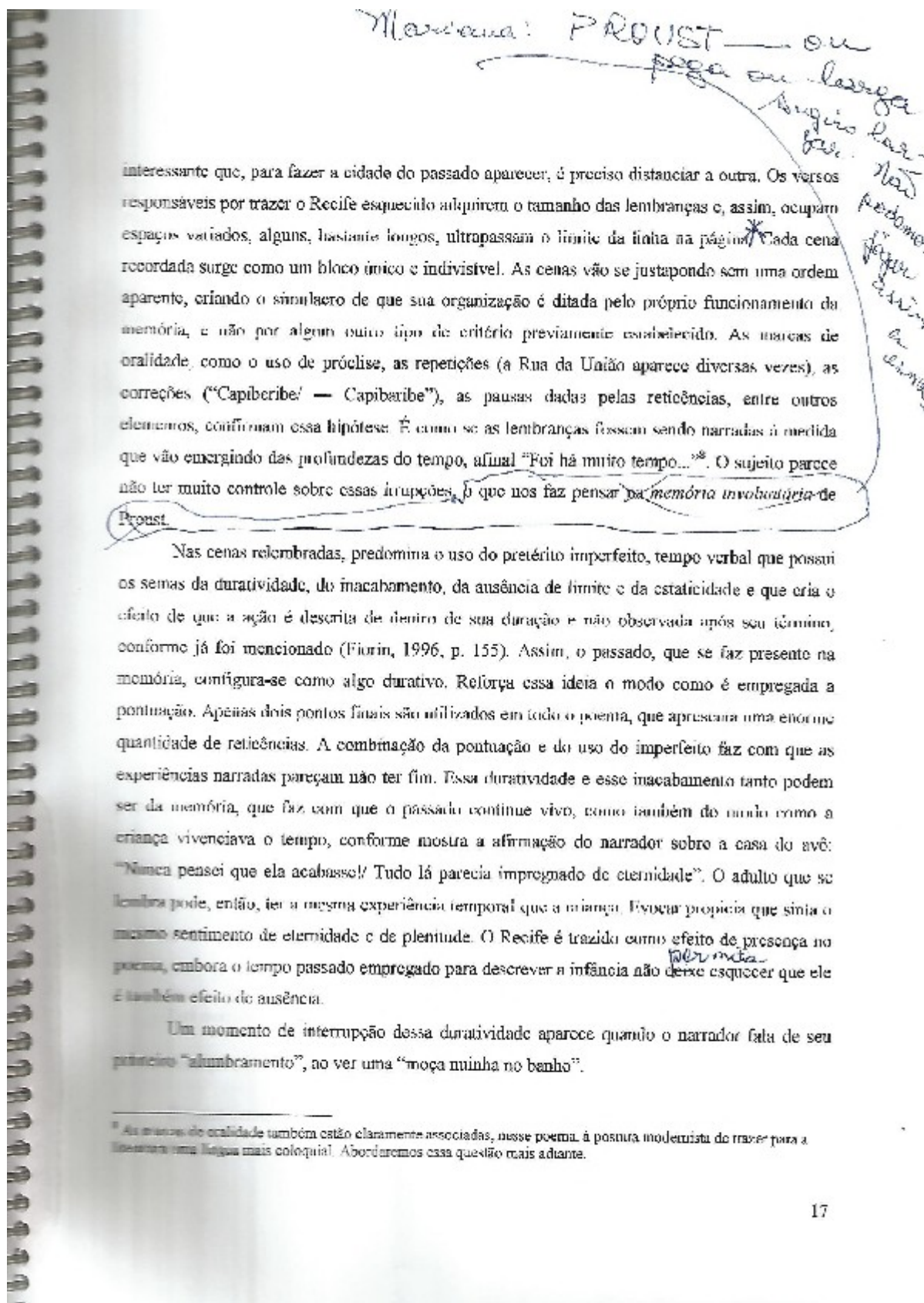
“No decorrer das duas últimas décadas, juntamente com a semiótica desenvolvida na França, vimos assistindo ao crescimento de importantes polos de pesquisa na Itália e em diversos países da América Latina, particularmente, no México, no Peru e no Brasil. Era de se esperar, portanto, que as ideias mais relevantes surgissem agora nesses novos endereços. O trabalho de Norma Discini confirma essa expectativa” (p. 12-13).

Até aqui falei um pouco da Norma professora e da Norma pesquisadora, agora quero falar daquilo que para mim sempre esteve mais presente e que é indissociável desses papéis temáticos de professora e de pesquisadora: a Norma orientadora. Por meio de orientação afetuosa, generosa, exigente e muito próxima dos alunos, Norma Discini vem formando pesquisadores e professores que aos poucos assumem seu papel nas universidades e escolas brasileiras. Passar pela Norma é algo definitivo, no sentido em que estabelece um limite do antes e do depois. A ideia de que a pesquisa se faz com parcerias, com diálogos, com a aceitação da incompletude é algo apreendido ao longo das reuniões e das conversas presenciais ou via textos escritos. Trouxe aqui algumas dessas “conversas” para vocês entenderem do que estou falando.

Esta é a capa do meu relatório de qualificação. Houve uma discordância com relação ao título provisório da tese. Vejam tudo o que gerou de debate.



Aqui temos outras páginas com comentários bem interessantes.



Moriana, verifique se o uso que você quer fazer.

⊗ Discreto. As
exclusões,
simbol como
uso das
interações
exacerbam
a presença
enumerativa
do autobiográfico.

⊗ Logo, ~~esta~~ alguma extensão numa
relação inversa com a intensidade.

⊗ ⊗ ⊗, que resulta a possibilidade também da
relação inversa entre a intensidade do
releitor e a extensão do entendimento
dos fatos ou da inteligibilidade
deles.

Cada palavra dita ou escrita encontra uma resposta, mais dura ou mais afável, a verdade é que isso não importa muito. O sentimento provocado é sempre de respaldo, encorajamento, respeito pelo trabalho do orientando, levado a sério, porque lido, relido, comentado, corrigido, cobrado, sem concessões.

Para finalizar, queria dizer que no que se refere ao estilo da orientação, bem como ao estilo das aulas e da pesquisa da professora Norma, o que salta aos olhos é a aliança entre criatividade e rigor; entre o literário e o acadêmico; entre o devaneio e o pé fincado no chão. Se eu ousasse depreender o estilo Norma Discini, com certeza pensaria no termo complexo, união de contrários, para ficar numa semiótica dita *standard*, ou, se partisse para a gramática tensiva, pensaria na correlação conversa entre intensidade e extensidade: quanto mais aumento do sensível, mais aumento do inteligível. Parece ser bem esse o caso.

Dizer que essa fala pode retribuir tudo que aprendemos e absorvemos da Norma é um pouco demais, no máximo, essa fala é mais uma forma de agradecer e talvez de comemorar o acontecimento Norma Discini em nossas vidas, dentro e fora dos muros da academia.❖